

BALAS DE AGOSTO

um conto de Moa Sipriano

Moa Sipriano

MOASIPRIANO.COM

1 minuto

da sua atenção...

Se você por acaso curtiu minha presente obra e quiser colaborar financeiramente apoiando meu trabalho, seria um ato muito bacana de sua parte. Hoje vivo exclusivamente daquilo que escrevo.

Mas, antes de colaborar, tenho algo importante pra te dizer:

Todos os artigos, contos e livros digitais (*ebooks*) contidos em meu site são de minha autoria e **estão disponíveis de maneira totalmente gratuita**. No entanto, se você quiser contribuir espontaneamente para a continuidade da produção literária exposta em **moasipriano.com**, poderá depositar o valor que achar justo na seguinte conta-poupança:

Caixa Econômica Federal (CEF)

Agência 2209

Conta Poupança (13): 34097-2

Qualquer tipo de ajuda será bem-vinda e, antes de tudo, vista como um sinal de **gratidão e reconhecimento à proposta desse projeto**.

Por favor, **você não é forçado a nada!** E muito obrigado, de coração, por ser meu fã, me apoiar e curtir este projeto literário pioneiro no país.

Se você quiser usar essa obra, saiba que tudo o que escrevo está sob uma licença **CREATIVE COMMONS**. Na página seguinte são listados todos os direitos e deveres caso você pretenda utilizar meu texto para algum fim artístico.

Boa leitura!



Creative Commons License Deed

Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Brasil

Você pode:

copiar, distribuir, exibir e executar a obra



criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.
- Nothing in this license impairs or restricts the author's moral rights.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use") concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

“Dia 18... e ponto final!”, disse Wagner, tentando ser categórico. Quase impaciente, tamborilando com o polegar gorducho sobre o tampo de vidro da nova mesa da sua sala de reuniões recém reformada, ele me encarava, atônito com minha indiferença e devaneios longínquos.

Eu lia seus pensamentos: Tempo é dinheiro. Tempo é dinheiro...

Money, money, money...

“Wagner, Wagner, Wagner... o dia... para mim... pouco importa”, eu disse, debaixo de um sorriso artificial, descaradamente sarcástico. Eu sabia que essa reação infantil tirava meu mecenas do sério.

“Desde que seja em setembro, qualquer dia é o dia!”, tentei encerrar a conversa, bocejando além da conta, disfarçando minha falsa indiferença enquanto me divertia amparando com as mãos manicuradas, durante oito minutos exatos, meu rosto afogueado colado na grande janela, vendo os carros parecendo *legobrinquedinhos* ziguezagueando lá embaixo.

“Sid, Sid, Sid... Temos um calendário apertado pela frente. Você sabe o quanto batalhei para conseguir uma data na porra desse seu mês tão especial, mas...”, argumentou Wagner, num lamento inosso, como se fosse a última cartada da Imposição.

Não o deixei dizer mais nada. Wagner sabia o quanto era importante para mim que tudo fosse arranjado em setembro.

Setembro não era nenhuma sandice, implicância, algo místico ou supersticioso de minha parte. Longe disso. Apenas continuo a acreditar que tudo de bom a mim-eu-mesmo sempre acontece em setembros.

Alguns exemplos? Meu primeiro sucesso editorial fora escrito num triste e solitário mês de setembro. Foi num final de setembro que assinei meu primeiro contrato. Também em setembros passados tive a chance de conhecer todos os meus (três) grandes amores ou, vá lá, até mesmo homens que se tornaram fantásticos e fogosos amantes... por poucos encontros, confesso.

Ok, ok. Setembro é mágico para mim. E isso me basta.

Os olhinhos da cor da jaboticaba, circundados por grandes manchas escuras um tanto acastanhadas que denunciavam muitas noites sem sono naquela cara de coitado-safado, me

fizeram baixar as armas. Não fiz nenhuma exigência a mais. Afinal, eu não podia sacrificar o prazer do contato com meus fãs por causa de uma afetação bobô de minha parte.

“Está certo. Dia 18 de agosto. Mas, por tudo que é mais sagrado, marque o início do evento para...”

“... depois das oito, eu já sei, eu já sei. Fique tranquilo, meu ursinho *blaublau* de brinquedo”, disse Wagner, despejando sobre mim uma deliciosa e contagiante gargalhada: sua marca registrada.

Minha cara de espanto denunciava meus devaneios oitentistas. Além disso, se você quer ganhar um sopapo na fuça, então... basta me chamar de “ursinho”, “ursão” ou apenas “urso”. Eu me acabo no ódio perante rótulos imbecis.

“Não sei se te espanco por causa do *ursinho* ou por ter me lembrado dessa música tão... tão... *bubblegum*. Aiii, eu te odeio, Senhor Wagner. Agora vou ficar com a porra dessa melodia medonha me infernizando os pensamentos até altas horas!”, gritei, fazendo um tipinho bem bambeestérica, algo forçado que em nada combinava com minha personalidade.

Não adianta. Eu não sei imitar bichinhas escrotas. Sou um *viado* fora do meio, que escreve sobre o meio pelo simples fato de conhecer o meio por inteiro.

“*Ai di mim ai... ai Blau Blau... eli não me queeerrr*”, cantarolou aquele um e sessenta de homem, levantando o corpanzil com elegância da sua nova cadeira de couro (*design* italiano, valor-olhos-da-cara), cobrindo em seguida meus ombros e meu peito largo com um abraço paterno, sussurrando no meu ouvido a porra da música que um dia eu idolatrara, intercalando a canção paleolítica com um convite tardio para almoçarmos juntos.

Aceitei o convite. Groove’s, aqui vamos nós!

E fomos nós três, felizes a cantar. O escritor homopop, o empresário-clone do baixinho da Kaiser e, claro, o espírito do Ursinho Blau-Pau a aprimorar minha síncope criativa.

Ok, já enfiei minha cabeça na areia. Eu confesso. Eu morria de vontade de transar com o tal cantor da tal música naquela época, quando eu era um 16-semi-*virgem-íngênuo* que acreditava piamente que os anos 80 eram o máximo.

Quantas punhetas, Blau Blau... quantas punhetas!

* * *

Eu começava a ficar nervoso, alterado, ansioso, maluco de tesão com o decorrer dos acontecimentos. Três dias para o lançamento do meu segundo livro: “Alianças”. Dessa vez, o ponto de partida da nova empreitada se daria em Lovland, minha ilha, minha casa, a fonte da minha prosaica inspiração.

Meu livro anterior, “Superlov.i.e.”, fora lançado dois anos atrás em festas badaladas e enfadonhas praticadas nas grandes capitais país afora.

Tudo dentro do circuito, tudo dentro do esquema. Wagner é um bom padrinho. Devo admitir que ele é o meu Salvador.

Mas agora, já tarimbado e conhecido e um pouco mais respeitado, finalmente tenho a liberdade e a audácia de jogar sobre a mesa do Império as minhas primeiras cartas marcadas.

Não posso negar que achei nobre e bonita a atitude do meu editor em permitir que minha segunda tacada de mestre fosse iniciada na *minha* terra, sob as bençãos do meu mar sereno e tendo como madrinhas as areias fofas e as gaivotas solenes a prestigiar a derradeira pisadela no penúltimo degrau do meu sucesso.

Além disso, Clara e Estela mereciam minha presença em sua simpática livraria. Na verdade, foi onde tudo começou. Palavras de Estreia fora o cubículo encantado onde gastei tempo de sobra para viajar pelos lugares mais fantásticos do mundo. E no mesmo tempo me dava ao luxo de conviver com homens e mulheres e seres mágicos, iluminados, perversos e amorosos que encheram minha imaginação de encontros reais e fascinantes.

Lembro, agora em gargalhadas bem sonoras espocando em minha mente, que eu conseguia espantar a Senhora Solidão para bem longe de mim, enquanto me embriagava nas palavras poéticas e me intoxicava nos parágrafos de impacto cortante das histórias de Genet, meu divino mestre.

Lembro-me que jamais havia um tostão furado no bolso da minha única e surrada bermuda preta, quase chumbo, após anos e anos de nada. Eu não podia comprar aqueles livros. Mas eu adorava limpar, espanar, arrumar, empilhar e ajudar na catalogação de cada título, de cada barra de ouro.

Clarinha... tão branquinha, sardenta e magrinha... quanta saudade. E Estela, a gorda-morena-jambo mais esbelta que havia na ilha. E lembrar daquele sorriso incomparável do casal de mulheres que encantava a todos.

Magra e Gorda, as meninas da livraria da esquina, assim elas eram conhecidas. E aqui não há nada de maledicente ou pejorativo; apenas era o jeito carinhoso que os loveanos cultos e educados tratavam suas jóias mais preciosas, sempre com um toque de irreverência.

Em Lovland, a Tolerância e o Respeito andam de braços dados por todo lado, sorrindo sem parar, cumprindo com louvor a grande Missão.

Foi na livraria da rua Klippel que ganhei uma mesa nos fundos de uma salinha repleta de livros empoeirados que aguardavam pacientes sua hora de brilhar nas prateleiras da modesta sala de leitura, onde aguardavam a oportunidade única de abrilhantar com seus conteúdos mágicos a vida de um ser humano qualquer.

Foi na clausura desse meu mundo indivisível que tomei emprestado o *Latitude da Gorda*, e freneticamente passei a dedicar horas, depois dias, em seguida noites sem fim a dedilhar com fervor sobre o teclado do velho *notebook*, despejando na tela quase sem brilho as maluquices baseadas na Verdade Colorida que pipocavam na minha mente embotada em vinho barato que servia para espantar o frio da minha insignificância. Jamais fui incomodado. Apenas... incentivado.

Insignificância é uma palavra bonita que soa bem aos meus ouvidos. E eu sei que até hoje eu não valho nada. Sou um homem diminuto. Mas minha arte sim, ela carrega seu devido valor. Ela é grandiosa.

E o resto é história... Wagner então surgiu em minha vida, acreditou em mim, e caminhamos juntos rumo ao sucesso.

Dias de vitórias.

Eu cheguei lá!

* * *

“Nervoso? Quer uma massagem?”, disse Wagner, meu editor, que tremia mais do que uma bambee-bate-cabelo em noite de estreia.

Da cozinha da casa que um dia fora minha (e que eu havia doado para um casal de gays idosos que ainda preferem viver no anonimato), eu olhava abismado para o outro lado da rua.

Apesar do frio sem graça, uma multidão de rapazes, moças, Bambees, Bofies, Traves, uma cambada de enrustidos e até mesmo um pequeno grupo de cidadãos acima de qualquer suspeita sexual (mas não moral) permaneciam firmes do lado de fora da pequena Palavras de Estreia.

A chuva tinha dado uma trégua. A mídia preparava as armas para o começo de uma guerra.

“Humm, tirando o séquito que sempre te idolatra... bem... para quem está fora da cidade há anos, até que *os nativos* têm um grande apreço pela sua digníssima pessoa”, resmungou Wagner, irônico, tentando alcançar meus ombros rígidos em vão, buscando relaxar minha angústia, meu nervosismo, minha euforia.

“Que nada. Esse *povinho* que está na fila quer apenas conferir com os próprios olhos até que ponto o Bambee Sid conseguiu ser alguém quando decidiu atravessar pra lá da ponte. Sim, é infame, eu tenho que rir da minha asneira. Mas pode ter certeza que essa parcela mínima da comunidade não está nem aí pelo que representa meu trabalho. Querem apenas aparecer. Querem a ilusão de achar que são importantes ou insubstituíveis nesse meu instante único. Olhe... até o *Prefeitino* está na fila... comportado e de boca fechada!”, respondi com desdém, ao ver o único cretino homofóbico que tanto havia me crucificado, marcando ponto cerrado num evento histórico que abalaria as estruturas daquele amado monte de areia perdido no oceano.

Eu era o capitão que finalmente alçava Lovland para o topo da atenção nacional. Era chegada a hora dos seus quinze minutos de fama.

Andy, Andy, Andy... meu Iluminado... você sempre teve razão!

“Next!”

“É verdade. Sabemos que ele está plantado lá fora por dois motivos: a mídia em peso está aqui e, claro, nada mal começar a angariar alguns votos bambeesticos. Afinal, ano que vem haverá eleições, não é mesmo?”, ironizou Wagner, enquanto esquentava minhas mãos frias esfregando-as entre suas mãos macias, que emanavam um calor quase sensual.

* * *

Adoro meus fãs. Sem uma gota de hipocrisia nas minhas declarações, afirmo que escrevo e exponho e revelo o que tem que ser revelado por causa daqueles que admiram minhas verdades romanescas.

Esse momento lúdico de sair do casulo e estar de corpo presente para rabiscar as primeiras páginas dos meus livros, dar centenas de abraços em desconhecidos, posar para milhares de fotos com o rosto e o corpo colados a corpos de todos os tipos, tamanhos e cores, mas que vibram em uma única sintonia de paixão; de poder sorrir e ouvir com atenção os anseios dos meus meninos e meninas... tudo isso me transporta para bem alto e me coloca em contato direto com a face esquerda do Criador (nosso melhor ângulo para fotos de publicidade).

E é por isso que afirmo, emocionado, que vale a pena. Vale muito a pena estar aqui, agora, eu e você.

Adoro jornalistas. Sou querido por todos aqueles que possuem mais de três neurônios ativos na cachola. Amo passar horas sendo questionado, sabatinado à exaustão e ter a chance e a coragem de expor aquilo que vivo, que crio, que carrego de melhor dentro de mim-eu-mesmo, estampando na arte literária e nas palavras certas baseadas em fatos concretos o que deve e pode ser consumido por aqueles que buscam conhecer melhor a si mesmos.

Eu tenho todas as chaves de todos os armários. Eu destravo todas as portas e cadeados e deixo a luz entrar. Salvo vidas, afago almas, liberto homens da demência imposta pela era esquecida da Mediocridade.

Eu sou o Antídoto. O Alicerce. O Porto seguro. E minhas armas mais poderosas podem ser encontradas nas entrelinhas das minhas frases clichérianas e medíocres, mas que carregam uma magia libertadora e trazem sempre o alívio mais do que imediato contra todos os males um dia emanados pela Ignorância.

São Sid... Sid são, longe da demência.

Chega a ser irônico levar uma existência tão monástica como a que eu levo; apenas consumir a vida escrevendo, jogando Damas ou disputando games de corrida contra a Senhora Solidão e dividindo o que me resta de amor com minhas sobrinhas e meu Cambota, o cão do eterno olhar tristonho.

E, de repente, como num passe de mágica que sempre termina alguns minutos antes das doze badaladas, cá estou diante dessa multidão que me venera, que tenta me decifrar, que degusta meu cheiro e o calor dos meus fartos pelos por alguns segundos durante apertados e inevitáveis abraços ursinos.

E assim eu me entrego a todos eles. E assim eu me revelo a todos eles. E dessa maneira eu suplico a todos eles um milésimo de atenção.

É pena que minha Melissa de cristal fique sempre abandonada no fundo do salão. Nas histórias da minha existência real não há príncipes encantados dispostos a desvendar meu sorriso enigmático.

No final da festa, se eu quiser, ganho corpos e pintos e bundas por uma noite e nada mais. No pacto firmado com o Diabo inventado das minhas fantasias, não me foi permitida qualquer possibilidade de se quebrar o encanto do meu sucesso com a vivência de um amor verdadeiro.

Sou um homem que não pode mais ter um homem por inteiro. Talvez eu não queira. Talvez eu não mereça. Essa é a única questão da minha vida a qual eu não encontro a resposta correta.

Só meus homens-personagens têm direito a finais felizes. O artista-escritor deve se contentar em gastar calorias entre metidas e fodidas incessantes, onde o prêmio final é apenas uma mancha solitária gozada sobre o lençol.

“Next!”

Eu grito. Sufocado. Leia-me, leia-me! E assino uma porrada de *“para fulano, com amor e carinho, Sid”*. Mais do mesmo, clichê sobre clichê, mas é isso que você quer. É isso que eu lhe ofereço, onde apenas acrescento um “q” de qualidade superior, junto com uma pitada de coragem e duas gotas de ousadia.

E dá-lhe sexo, sexo, sexo.

Esse sou eu. Este é o Sid. Nesse instante eu sou amado. Posso vislumbrar o brilho nos seus olhos. Caço uma aventura ou um amor que eu não mereço ao tocar sua mão e trocar assim uma energia periférica. Esbanjo minha sensualidade não somente nos enredos das minhas histórias fantásticas e dos meus homens fabulosos. Nas entrelinhas eu grito por uma chance de ser amado por você, mas você nunca escuta o que estampo escrachado.

Voltemos à realidade da noite. Me passe o livro. Abro o sorriso automático, porém sincero, versão 4.0.

A quem devo assinar?

“O próximo!”, grita Wagner, eufórico, imaginando o toque suave das notas loveanas sendo acariciadas e contadas com alegria e devoção no final da festa.

Money, money, money... Abba, Abba, Cadabra!

* * *

De repente, ouço um zum-zum-zum. Noto que alguém é empurrado na fila, bem na entrada da Palavras de Estreia. Sinto um estampido surreal.

Balas de agosto em Lovland? Bang bang bang... na minha ilha?

Minha mente, agora no piloto automático, recordava horrores do passado. Meus amigos coloridos mortos, onde apenas o vermelho rúbeo tomava posse de vez da alegria dos velhos rapazes alegres. Minhas longas pesquisas para meus enredos. Entrevistas e depoimentos emocionados, velados, excruciantes que resultaram em mais um sucesso: meu novo filho “Alianças”.

Clóvis, o personagem principal. Começo tenebroso. Meio confuso. Final revelador... e feliz.

Viagens, entrevistas. Rio, Rocinha. Heliópolis, São Paulo. Brasil.

Balas de agosto em Lovland? Bang bang bang... na minha ilha?

Eu ainda vejo manchas de corpos se deslocando de um lado para o outro bem no centro das minhas retinas embaçadas. Uma dor lancinante no peito. A segunda angústia.

Incrédulo, olho para meu editor, meu homem, meu pai, meu alicerce. Ele procura, em vão, forças para permanecer em pé. Justo Wagner, meu homem-pai-editor e que nessas horas deveria assumir o cargo de *meu anjo* de guarda!

Anjo, anjo. Eu vejo suas asas. Estela, a gorda, travestida em azul e dourado, como uma autoridade máxima que embola minha imaginação, corre até a porta, alucinada.

Continua o zum-zum-zum. Eu espanto uma lágrima de espanto. Eu ainda vejo as asas. Elas perdem a sustentação e se perdem no horizonte.

Sid sai de si. Sid grita. Sid empurra uma caralhada de bambees afoitos. Sid espalha purpurina pelo caminho. Sid desmancha maquiagens e aniquila penteados. Sid ganha a rua úmida, abrindo espaço na noite cálida.

Estela corre, arfante, atrás do agressor. Suas pegadas no asfalto molhado são seguidas por uma legião de homens loveanos que não aceitam a covardia daquele ato insano.

Que monstro teria coragem de atirar à queima-roupa numa criança indefesa?

Sid, eu-mim-mesmo, me ajoelho diante do anjo com cara de menino assustado.

“Sid... cadê vo... você... eu vim a... qui só pra te ver...”, o anjo cantarola, desafinado, o clichê medonho que entoamos nos *shows* das estrelas que ainda não ganharam nossos palcos de ilusão.

“Não diga nada, minha criança... não gaste suas forças... eu estou aqui”, um Sid desnortado diz em falsete, sorrindo patético, tentando desesperadamente ser forte diante da dor.

“Eu and... andei vinte e oito quilômetros... só pra te ver... passei a ponte... pé ante pé... centro de Downie... ponte... para... Lovland... livraria”, o anjo balbuciava, alucinado, buscando um pedaço do ar pesado e úmido para preencher seus pulmões delicados.

“Eu não ten... tenho dinheiro para comprar seu livro... mas eu queri... ria tuas *alianças*... eu queria sab... ber o que acontece com o Clóv... is...”, o anjo perdia suas forças.

De joelhos, travado no asfalto, eu não sabia o que fazer. Minha mão direita amparava aquele corpo infantil, tentando confortá-lo do desespero de uma separação. Minha mão esquerda, enlameada em sangue por culpa das balas de agosto, tentava em vão cobrir o profundo ferimento quente e sombrio. Eu chorava. E o mundo ao meu redor apenas observava nosso estado lamentável de desamparo.

No meu delírio, percebi que Wagner gritava por uma ambulância. Ambulância? Em Lovland?

“Eu tenho... fiz cato... torze anos. Me preparei por quinze dias para tomar coragem em assumir aquilo que escolhi ser. E vim aqui agradecer pessoalmente pelas palavras... tuas palavras mágicas que me fize... fizeram acordar para a Felicidade. Eu não saí apenas de um armário. Eu saí de um buraco fétido e escuro. Por causa do teu primei... ro livro... Super... super... super... fui contemplado com a tua Luz. E agora... ai, meu Deus-Cristo-Meu, me falta o ar... e agor... a... eu *volto* para a Luz, igual a Caroline que eu vi no velho VHS da minha tia... eu volto para a Luz... feliz, liberto e assumid...”, gritou meu anjo, confuso, difuso, buscando dentro de si a última centelha de lucidez e energia.

Ainda havia um último pedido:

“Não condene meu pai, Senhor Sid. Deixe *ele* fugir para que possa se encontrar um dia... e se arrepender de todos os seus atos delinquentes. Primeiro foram as surras por eu ser *mulherzinha*, depois vieram as ameaças... e agora... você está diante do resultado da intolerância.”

Eu não sabia o que dizer. O tempo havia paralisado toda forma de vida que havia num raio de dezenas de metros à nossa volta. Eu queria gritar por socorro. Gritar para uma multidão colorida boquiaberta e sem reação diante do inevitável. Eu queria compreender a razão de tudo aquilo.

Aquela criança, agora falando como um homem-feito, se esvaindo em sangue e lágrimas. E também havia um pai assassino, correndo alucinado, perseguido sem piedade pelas praias da minha ilha agora maldita.

Nossos corpos perdiam calor com uma imensa rapidez. Como num transe, senti meu editor segurando, talvez puxando meu ombro esquerdo, tenso e dolorido. Vi, num relance, a capa do meu *Alianças* pendurada naquela mão gorducha e suada. Puxei com violência o exemplar de sua mão morena, trêmula, cambaleante.

Como se fosse um livro sagrado, abri na última página e li com dificuldade o parágrafo final que carregava a frase da felicidade.

Sim, meu menino-anjo, Clóvis supera os traumas de uma vida errante e vive com seu antigo companheiro... felizes para sempre, como tinha que ser.

Aquela criança corajosa levava apenas quinze dias para se assumir perante si-ela-mesma e desfrutar da alegria e da dor de ser o que se é. E agora eu sabia que ela não tinha nem mais quinze segundos de vida junto de nós.

O que fazer para amenizar sua passagem?, pensei, em prantos, dilacerado pela inércia de apenas um ato inteligente que pudesse salvar aquela vida.

A Providência. Esperta e faceira. Lá estava a porra da Providência-Lady-Gaga a iluminar nossos caminhos.

Meu anjo abriu seus olhos cansados e sua boca miúda balbuciou algo que somente eu podia compreender:

“Sid, estou partindo. Acredite. Eu estou feliz, lúcido, tranquilo. Mas eu gostaria de *subir*

amparado num derradeiro gesto de amor. Esqueça quem eu sou. Esqueça meu tempo terreno. Apenas deixe-me desfrutar dos últimos segundos da essência do Amor. Não quero partir assim, inviolável”, disse o garoto com espantosa maturidade, num ritmo cadenciado, entre sussurros e lágrimas.

Sid sai de si. Sid grita. Sid balança a cabeça. Sid olha para todos em volta. Sid ignora o mundo, apenas para abrir as portas do universo mágico daquela criança.

Eu era o escolhido para celebrar e conduzir a passagem daquela infância para o mundo dos prazeres e angústias dos homens plenos.

Meu anjo fechara os olhos e seus lábios trêmulos, agora ardendo nas chamas do amor perfeito, aguardavam esperançosos a perda da suprema virgindade.

Desci meus lábios experientes e meu bigode espesso fez as honras da casa, amornando aqueles lábios infantis desejosos de serem tocados com carinho, humildade e respeito.

Minha língua abriu espaço e ganhou a textura de uma carreira de dentes que ainda emanavam o perfume e a doçura do leite materno. Era o começo do beijo no asfalto. Demos início a uma luta de espadas em que ambos sairíamos vencedores, triunfantes. E a fusão de nossas línguas, lábios, bocas, lágrimas, calor e inocência selou o batismo de duas almas errantes, onde a alma de uma criança-homem agora ganhava o aconchego das nuvens de algodão, enquanto a outra alma, aquela do quarentão-decadente, tivera a derradeira chance de virar a última carta que revelava o mais puro amor que pode existir entre dois seres, independente dos sexos escolhidos nessa ou em outras existências que certamente serão vividas.

Meu beijo naquele garoto abriu as portas do seu Paraíso prometido. A coragem do meu ato puro naquela criança inocente selou para sempre dentro do meu peito arfante o anseio pela esperança de um recomeço.

* * *

“Alianças” foi um sucesso editorial previsível e fulminante, vendendo milhares de exemplares país a fora em pouco tempo.

Do meu apartamento em Downie, sozinho, inalcançável, após ser obrigado a rever diversas propostas internacionais bem promissoras (Wagner chegaria a qualquer momento para mais uma “reunião” de negócios), dei um tempo à papelada e busquei alívio imediato afogando meu

silêncio numa garrafa glacial de Corona, esquecendo de todos os números, cifras e cláusulas impressos em folhas soltas, recicladas, que bailavam diante de mim.

Em pé, na varanda, avisto nuvens compactas navegando sem pressa na imensidão de um céu azul profundo, de rara beleza, quebrando o cinza rugoso e gélido que costuma dominar a paisagem da grande cidade em dezembro.

E assim, com o olhar perdido, rodo com equilíbrio e maestria entre o polegar e o indicador dois anéis entrelaçados, sendo um dourado e outro acobreado...

... minhas alianças, à espera de um milagre... abençoadas pelo beijo da língua mais doce de um anjo alegre que adora brincar de esconde-esconde no meio dos infinitos pedaços cândidos de algodão.

O AUTOR :: MOA SIPRIANO

Nasci no dia 13 de junho de 1968, em Jundiá, uma próspera cidade do interior de São Paulo. Minha mãe é uma guerreira. Tenho duas irmãs fantásticas, dois cunhados bacanas, três sobrinhas fofas, algumas primas idolatradas e uma tia que é fora-de-série. Ah, também tenho um pai... ausente.

Comecei a escrever roteiros, poesias, letras de músicas e outras *bobiças* aos 12 anos. Eu vivia anotando meus sonhos e minhas verdades em papéis soltos que foram se perdendo pelo caminho. Sempre escrevi histórias que de alguma maneira retratavam a homossexualidade masculina. Sou *assumido* desde sempre!



Em 1988, após uma experiência pessoal “abalante”, resolvi desabafar através de uma autoterapia forçada, escrevendo em uma madrugada **“Uma carta para Hans”**. Foi o primeiro conto.

Em 2004, ao criar a primeira versão do meu site oficial, fiquei totalmente surpreso com a polêmica, os comentários inflamados e a repercussão positiva junto aos leitores ao publicar meus primeiros artigos na Internet: **Deus x Gays, Afeminado? Tô fora** e **Você é Ativo ou Passivo**; além da série **Poltrona 47** (cinco contos que retratam as experiências sexuais de um rapaz dentro de um ônibus) e o conto **Filipe** ou **Treze homens e um destino** (história que retrata de uma maneira polêmica as atitudes de um rapaz que ao saber que pode estar contaminado com o vírus da AIDS, num momento de revolta e irresponsabilidade total resolve se vingar e transar com treze homens em um único dia).

Foi este incentivo que me levou a apostar no meu tipo de literatura. Desde então, nunca mais parei de escrever, procurando aprender e evoluir a cada dia como um excelente contador de histórias gays.

Em 2005, por causa do sucesso do conto Filipe, busquei inspiração para desenvolver o projeto **30 dias - Diário das experiências sexuais de Jäger**. A história de Jäger foi realmente escrita em tempo real, conforme as datas descritas no diário do personagem. Foi um desafio enorme escrever trinta capítulos em exatos trinta dias e postar um capítulo diário em meu site. E mesmo não tendo divulgado devidamente este projeto, a repercussão foi muito promissora.

2007 foi o ano em que me tornei um pioneiro na divulgação e distribuição no Brasil de livros digitais gratuitos contendo literatura gay de qualidade.

Em 2008-2009, após mais de 120 mil *downloads* de todos os meus títulos publicados via Internet, e também por causa do incentivo dos meus milhares de leitores é que continuo me esforçando na produção constante e divulgação permanente de uma literatura “gay” de excelente entretenimento.

Moa Sipriano :)